



Para mamãe, vovó e vovô.







Agradecimentos

Pelo apoio extraordinário, um “muito obrigada” para David Gale, Alexandra Cooper, Beth Gamel, Xanthe Tabor, Virginia Barber, Jennifer Rudolph Walsh, Alicia Gordon, Amy Sherman-Palladino, Robert Lipsyte e Ceridwen Morris. Um “oi” para Joey Regan e Molly Regan, e obrigada ao Writers Room em Nova York pelo incrível espaço para escrever. E, especialmente, muito amor e agradecimentos a todos os leitores que escreveram pedindo uma continuação.







Um

Minha irmãzinha Ashley apossou-se oficialmente da minha boneca Pão-de-Mel no meu 17º aniversário. Você pode dizer que 17 anos é um pouco demais para finalmente largar uma boneca da infância, mas a Pão-de-Mel não era uma boneca comum. Ela tinha sido minha irmã espiritual número um a vida toda, essa querida boneca de pano foi a única coisa decente que meu pai biológico, Frank, me deu na vida que não fosse uma poupança, a transferência genética da altura de um mutante e um verão em Nova York sozinha com ele, onde se relevou ser um cachorro de primeira. E, de qualquer forma, se alguém perguntasse “*quantos anos você tem para ainda estar carregando uma boneca?*”, eu apenas lançaria um olhar inexpressivo do tipo: “*O que você tem a ver com isso?*”

Eu dormia como uma pedra na manhã do meu aniversário quando senti meu futon novo balançando. Meus sonhos me disseram para sair da cama e correr para o vão da porta: terremoto. A sensação do pijama de flanela esfregando nos meus braços e o cheiro do hálito de cereal de chocolate disseram outra coisa aos meus sonhos. Abri meus olhos para ver o rosto dos meus meio-irmãos, Ashley e Joshua.



— Feliz aniversário, Pedacinhos de Cyd Charisse! — disse Ashley, no que soava basicamente como um grito, mas que nada mais era do que uma tentativa de cantar. O estrado do futon estalou sob seu peso, enquanto ela pulava na cama. Ash está na segunda série em termos de idade, mas na quinta em matéria de peso. O verdadeiro aluno da quinta série, Josh, tentou se enrolar no colchão, como se quisesse virar uma múmia nele. Talvez pedir um futon novo como presente de aniversário para substituir a velha cama de dossel à la princesinha que costumava estar em meu quarto — projeto do decorador de minha mãe para assombrar meus sonhos — não tenha sido a idéia mais inteligente do mundo.

— Adivinhe o que mamãe e papai compraram para você de aniversário! — disse Ash.

— Você está estragando o meu presente neste exato momento! — resmunguei. Agarrei-a e a coloquei na cama ao meu lado. Ash e Josh estavam dormindo quando voltei de Nova York na noite anterior, portanto era a primeira vez que eu os via desde que voltara para casa, em São Francisco. Só havia ficado fora algumas semanas, que pareceram uma eternidade, então eu precisava ver se Josh e Ash pareciam tão diferentes quanto eu sentia. Estavam iguais, talvez mais bonitinhos: Josh, com seu corte de cabelo lourinho tipo pajem e olhos azul-bebê, herdou a beleza escandinava de nossa mãe. Ash, com seu angelical rosto redondo e cachinhos castanhos puxou o papai Sid, que tinha pouco cabelo castanho em sua cabeça quase toda careca, mas que, como Ash, está sempre com as bochechas



rosadas e feliz de terminar a sobremesa de todo mundo. Depois do último verão, estou bem consciente de que sou um clone magrelo, bizarramente alto e de cabelos pretos do meu pai biológico, Frank. Pelo menos na aparência. A personalidade, espero puxar de outro lugar.

Ash esfregou a cabeça de cachos castanhos no meu ombro, depois virou os olhos para Pão-de-Mel, deitada no travesseiro ao meu lado.

— Acho que Pão-de-Mel deveria vir morar comigo, droga — cochichou ela na minha orelha. O acampamento de verão da Ash deve ter funcionado como uma escola de etiqueta para resultar na bem-sucedida transição de sua palavra favorita com “p” para “droga”. E ela teve a decência de não pronunciar esses pensamentos alto na frente da Pão-de-Mel, embora a boneca provavelmente já saiba. Uau, que progresso.

— Sem chance — cochichei de volta. Se eu não tinha deixado Pão-de-Mel em Nova York com a senhorita Loretta, sua mãe espiritual que fazia Pão-de-Mel, por que eu a deixaria com Ash, que é puro terror? Apesar de Pão-de-Mel estar ficando mal-humorada comigo vagabundeando por aí e ter insinuado que preferia um estilo de vida mais tranquilo, como ficar deitada na cama de alguém, cuidando das outras bonecas.

Josh subiu na minha barriga.

— Mamãe e papai compraram outra coisa além da cama. Compraram uma máquina de cacapuccino para você.
— Sua boca borbulhou com um barulho de peido.

★ || ★





— É CAPP-U-CCINO, não CACA-PU-CCINO — corrigi. E, eca, apreciei a *idéia* de um presente de níver de Sid e Nancy, mas não o presente. O ponto principal do meu grande plano de um dia ser a maior proprietária de cafés do mundo é poder sair de casa para tomar um café, não ficar em casa. É por isso que dizem “Estou *saindo* para um café”, e não “Oh, deixe-me tirar uns cappuccinos descafeinados para o papaizinho e a mamãezinha e vamos todos assistir a um filme bobinho juntos.” Que arrepio.

— Você viu os bolinhos na noite passada? — perguntou Josh.

Quando voltei para casa do aeroporto, Ash e Josh haviam deixado um presente na mesa da sala de jantar para mim: mini-bolinhos de chocolate com cobertura de cream cheese arrumados sobre a mesa para formar as palavras *FELIZ ANIVER...*

— Ash e Josh só tinham bolinhos suficientes para escrever *aniver* — dissera Papai Sid quando me encontrou na sala de jantar. Ele me agarrou num abraço de urso, só que eu era a urso; ele bate no meu queixo. Meu padrasto, que é mais do que isso porque é o único pai que eu tive de verdade, estava dando a Ash e a Josh o crédito pelos bolinhos, mas eu sabia que a *idéia* era dele. Quando minha mãe e eu viemos morar com ele, em sua casa em Pacific Heights, que quando eu tinha 5 anos parecia maior do que qualquer castelo da Disney que eu poderia imaginar, ele me levou pela mão até meu quarto novo, onde uma trilha de bolinhos estava esperando por mim na cômoda. Eles formavam a frase *BEM-*





VINDA CYD CHARISSE. Nancy dera a dica para ele que eu tinha um fraco por doces, principalmente bolinhos que sempre achei muito melhores do que bolos grandes. Docinhos são seres independentes. É por isso que quando papai Sid não me chama de Pequena Rebelde, ele usa esse outro nome carinhoso para mim, Docinho. Se Frank, meu pai biológico, algum dia tivesse tido um apelido para mim, provavelmente seria um nome de índio americano, tipo Aliviado Quando Ela Vai Embora.

— Sim, Hipergaroto, eu vi os bolinhos e muito obrigada — disse eu para Josh. Levantei a cobertura do outro lado e ele se jogou perto de mim. Eu estava tentando me imaginar deitando na cama com lisBETH e Danny, meus meios-irmãos em Nova York. LisBETH e Danny são adultos e não haveria espaço para nós três numa cama, de qualquer forma, mas ainda assim não consigo ver nós três tão próximos como sou de Ash e Josh. LisBETH, não Elisabeth, nem Beth, *lisBETH*, é tipo minha mãe — irritante, mas está ao seu lado quando você precisa dela —, mas de forma alguma eu me sentiria confortável numa conversa matinal com lisBETH, olho no olho com cabelo bagunçado e dentes que ainda não foram escovados. Eu mal a conheço. Com Danny... talvez, algum dia.

— Se você esteve em Nova York este verão visitando sua outra irmã e seu outro irmão, por que eles não são nossos irmãos também? — perguntou Josh.

Honestamente, eu adoro ser a irmã mais velha e maneira deitada em seu futon de aniversário servindo de recheio de sanduíche com Ash e Josh enquanto eles brincam,





um de cada lado, com meu cabelo. Mas não acho que seja minha responsabilidade explicar-lhes sobre Nancy, nossa mãe. Que era uma dançarina que virou modelo aos 23 anos em Nova York e ficou grávida de um homem casado, me teve, largou o tal homem casado e mais tarde se mudou para São Francisco para se casar com papai Sid e procriar Josh e Ash com ele, e então esperou quase 17 anos para me mandar de volta a Nova York para que eu encontrasse meu pai biológico e seus dois filhos crescidos. Assim, apenas disse a Josh:

— Porque a bruxa-madrinha que mora no sótão disse que eu era a escolhida.

Fui salva de maiores explicações por Nancy na porta do meu quarto. Ela usava um uniforme de ioga rosa-claro. Com as calças bem baixas para mostrar sua barriga sequinha e top rosa combinando, seu cabelo louro puxado para cima num rabo-de-cavalo e os lábios com brilho labial rosa e bochechas rosadas, ela parecia mais uma musa adolescente do que uma mãe de três chegando aos 40 anos. Por um momento ela pareceu feliz de ver nós três juntos na minha cama nova, e então suas sobrancelhas perfeitamente feitas se moveram e ela franziu a testa apenas um pouco, sua pose clássica de mulher da alta sociedade sem alegria, como se tivesse acabado de morder um limão.

— Nunca vou entender por que você quis esse traste de colchão em vez daquela elegante cama antiga e do colchão premium que o decorador escolheu para você. Garanto que você vai ter problemas nas costas em uma semana nesse futon. — Ela soltou um de seus antigos suspiros, então, no



que parecia ser uma mudança de ânimo pré-menopausa, disse: — Feliz aniversário, querida. Bem-vinda de volta. — E seguiu pelo corredor afora.

Achei que tinha sentido Ash e Josh se encolherem, um de cada lado do meu corpo, quando Nancy pronunciou as palavras *bem-vinda de volta e querida*. Antes de eu partir para Nova York, quando estava de castigo no meu quarto fazendo jus ao apelido de Pequena Rebelde, não Docinho, Nancy e eu estávamos em estado de guerra. As cortesias que Ash e Josh ouviram pela última vez Nancy e eu trocamos envolviam gritos ensurdecadores seguidos por batidas de portas que sacudiam o quarto. Mas desde a inesperada visita de Nancy a Nova York, quando eu estava na casa de Frank, meu pai biológico, em que ela realmente me ajudou com minha pequena crise lá (nota para mim: Pequena Crise daria um excelente nome para uma banda, preciso arrumar talento musical), as coisas estão mais tranqüilas entre nós. Por enquanto. Nancy só recentemente elevou Siri, o amor da minha vida e uma das causas do castigo anteriormente mencionado, da posição de “aquele garoto” para a categoria de merecer ser chamado por seu verdadeiro nome (que realmente é Siri; já vi sua certidão de nascimento). Quem sabe quanto tempo a nova paz com Nancy vai durar depois que o ano escolar começar e o destino desfizer aquela cruel piada de Siri me dando o fora no começo do verão passado e o trazer de volta para seu papel de meu único amor verdadeiro?

— O que vai fazer hoje? — quis saber Ash.

★ 15 ★



— Vou andar por aí — disse eu. Andar por aí é o melhor presente de todos depois do castigo de ficar trancada no meu quarto. Agora estou livre para ir onde eu quiser. E em Nova York aprendi que andar, sem destino e com um pai biológico que não se importava o suficiente para te mostrar as coisas é a melhor forma de sentir as ruas, mesmo quando o tempo está escaldante e elas têm cheiro de lixo assado misturado com castanhas confeitadas vendidas na esquina.

Nunca tive um aniversário só para mim antes e não tinha certeza do que fazer com ele. Eu não tinha amigos da minha idade com quem celebrar, para ir ao shopping, fazer identidades falsas ou qualquer coisa normal que garotas de 17 anos fazem com suas amigas em seus aniversários. Eu esperava ter notícias do Siri, mas nem tinha certeza se ele sabia que era meu aniversário. Por mais que estivéssemos muito próximos na última primavera, o fato é que eu nunca contara a ele sobre as coisas no passado que levaram à minha pequena crise, nunca vi fotos de seus pais ou soube o nome deles, que estavam longe no Corpo da Paz, como voluntários ajudando o Terceiro Mundo. Além do mais, considerando que estamos tecnicamente separados e tudo mais, eu não tenho direito de esperar um presente ou mesmo um telefonema dele.

— Não sei onde vou hoje — respondi —, mas se mãe e papai deixarem, vocês podem vir com Pão-de-Mel e comigo. Vamos andar pelas ruas e ver o que acontece. — Olhei pela janela do meu quarto do alto de um morro em Pacific Heights em direção à verdadeira ilha de Alcatraz ao



longe: essa antiga prisioneira iria sentir prazer com essa simples liberdade.

Ash se vestiu e saiu comigo num instante. Ela não iria se meter com a simples liberdade também, e não reclamou enquanto subíamos a Divisadero Street, uma ladeira tão inclinada que nem ônibus se arriscavam em passar por essa parte dela — e Diviz é uma grande via de acesso da cidade. Subimos, *ofegantes*, até o topo da Diviz na Broadway, no topo de Pacific Heights, então descemos, *respirando fundo*, em direção a California Street. Quando eu estava no colégio interno na Nova Inglaterra, eu costumava odiar voltar para casa em São Francisco, mais do que eu odiava aquela antiga e idiota Nova Inglaterra. Agora “A Cidade” (como os nativos a chamam) parece diferente. Enquanto Ash e eu vagávamos em frente às casas vitorianas, eu aproveitava de verdade o ar frio da baía, que soprava através do meu corpo, a brisa oceânica misturada com o cheiro de eucalipto e fumaça de chaminés de todas as casas e lareiras. A sensação e o cheiro do ar frio me esquentaram, me fazendo lembrar de Siri.

Ash segurou minha mão enquanto atravessávamos para Fillmore, onde decidimos que deveríamos pegar um ônibus para Castro, a descolada capital gay do mundo. Meu primeiro negócio lá seria comprar uma xícara decente de café na Castro Street, então iríamos para Mission, comer burritos. Dá para achar uma xícara de café decente em Nova York, pelo menos no café Danny’s, mas não há burritos bons naquela cidade. Burritos são uma forma de arte que deveria ser deixada só para a cos-



ta oeste, suspeito eu. Nova York já tem muitas outras coisas para se gabar.

Claro, todo o tempo que andamos, Ash ficou bem comportadinha, segurando minha mão, sem reclamar de andar, o que acabou sendo a parte de sua estratégia para me amolecer. Mais tarde, naquele dia, depois que voltamos para casa, Ash me convidou para seu quarto. Pão-de-Mel estava deitada na cama dela, obviamente raptada durante meu banho.

— Ela é minha agora — declarou Ash. Então minha irmãzinha iniciou o ataque final.

Ash tinha uma enorme coleção de Barbies customizadas por ela mesma. Além da Barbie Filme de Terror (cabeça arrancada pela metade, roupas rasgadas e destruídas), Barbie Comando (bandana camuflada, Ken com pistolas de brinquedo roubadas do Josh), e a minha favorita: a Barbie Gorda (vestida num saião, com enchimento no corpo e um queixo duplo, graças à discreta colocação de massinha). Acho a Barbie Gorda genial, mas Nancy surtou quando a viu. Nossa mãe, cuja beleza de estátua loura de Minnesota faz com que *ela* pareça uma Barbie, usa tamanho 36 em seus dias mais gordos. Nancy é tão preocupada com o peso de Ash que não a deixa ter sua Barbie São Francisco, que usa uma bela jaqueta dourada com uma longa saia preta rodada — bem retrô dos anos 1950 — porque a Barbie é feita especialmente para uma loja de balas e Nancy fica preocupada com a mensagem subliminar que Ash pode receber. Talvez Nancy devesse voltar atrás e se preocupar mais com as mensagens não tão subliminares que o ideal de



Barbie sorridente, magricela, de peitões dá para uma garota de 7 anos de idade, mas, o que eu sei da vida?, como Nancy sempre me lembra.

Nancy realmente teria surtado com a Barbie Safada, a nova criação da Ash, que ela vestiu enquanto eu estava tomando banho. A Barbie Safada, deixada na cama da Ash para eu inspecionar, foi inspirada em nosso programa na Castro Street mais cedo. Culpa minha por ter deixado meu vício por café prejudicar meu julgamento tempo o suficiente para deixar Ash vagar pela loja ao lado enquanto eu pedia um café com leite. A Barbie Safada, metida num corpete de couro preto com um decote em V que descia de seus ombros até seu umbigo, segurando um chicote de borracha em sua mão, foi inspirada nas roupas de couro, chicotes e correntes feitas para bonecas Barbie que Ash comprou sem meu conhecimento no que pareceu ser uma loja de fetiches para Barbies ao lado do café. Culpa minha. Eu tinha acabado de ganhar permissão para pegar o ônibus, e meu jantar de aniversário era a oportunidade que eu queria para convencê-los a deixarem eu tirar a carteira de motorista. E Ash sabia que eu não iria arriscar minha nova liberdade admitindo que deixei minha irmãzinha entrar em uma loja para adultos enquanto eu estava cuidando do meu vício por café.

— O que quer dizer *S&M*? — perguntou Ashley, com cara de inocente.

— Sucos e Marshmallows — respondi. Ela balançou sua cabeça grande, indicando que não acreditava na minha resposta. Então eu não tinha escolha. — Qual é seu preço, gênio do mal? — perguntei.





Ash apontou para Pão-de-Mel.

Então eu levantei o assunto com Pão-de-Mel, que é de certa forma uma telepata. Disse a ela, *você sabe que Ash só quer você porque ela quer tudo o que é meu, e você sabe que ela vai ficar entediada em, tipo, uma semana porque você não vai planejar com ela maneiras de destruir o universo que é o quarto dela, mas a coisa é que eu meio que não posso fazer nada. Estou na missão Siri, e não posso deixar que uns acessórios de fetiche Sadomasô da Barbie estraguem isso. E Pão-de-Mel veio com tudo: esses velhos ossos de trapos estão cansados de sacudir por aí na sua bolsa por todos os lugares que você vai agora: me dá um descanso e o controle remoto — sim, vamos fazer isso. Eu disse, você é legal, Pão-de-Mel. Nós sabemos que a Ash vai fazer de tudo para te torturar, mas vou avisar com todas as letras que ela pode bagunçar o quarto, estragar suas bonecas e a coleção de lingerie Christian Dior da mamãe, mas cabeças vão rolar se ela tentar esse absurdo com você. Especificamente, cabeças de Barbies.*

Assim, Pão-de-Mel graciosamente aceitou o novo acordo de moradia.

Eu estava sentada na cama de Ash, entregando a Pão-de-Mel para minha irmãzinha, explicando as regras — Pão-de-Mel é uma rainha que deve reinar estritamente na cama de Ash, e não pode ser encontrada pendurada de cabeça para baixo nos puxadores da gaveta da cômoda de Ash, *jamais* — quando Nancy passou pelo quarto de Ash e então se virou.





— Não acredito nisso — disse Nancy, observando a troca. Ela esteve atrás de mim para largar minha boneca quase desde que eu ganhei Pão-de-Mel, quando eu tinha 5 anos e meu pai biológico, Frank, a deu pra mim da única vez que eu o encontrei, sem contar o verão passado. — Vai chover canivete?

O que me restava fazer?

O risco agora é maior com essa nova paz.

